

ITALO CALVINO

OS NOSSOS ANTEPASSADOS

O visconde partido ao meio

O barão nas árvores

O cavaleiro inexistente

Tradução

Nilson Moulin



COMPANHIA DE BOLSO

Copyright © 1990 by Palomar srl

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Il nostri antenati

Capa
Jeff Fisher

Preparação
Márcia Copola

Revisão
Larissa Lino Barbosa
Mariana Cruz

Atualização ortográfica
Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Calvino, Italo, 1923-1985

Os nossos antepassados : O visconde partido ao meio ; O barão nas árvores ; O cavaleiro inexistente / Italo Calvino ; tradução Nilson Moulin. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia de Bolso, 2014.

Título original: Il nostri antenati.
ISBN 978-85-359-2491-6

1. Ficção italiana I. Título. II. Título: O visconde partido ao meio. III. Título: O barão nas árvores. IV. Título: O cavaleiro inexistente.

14-08404

CDD-853

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura italiana 853

2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

Prefácio 7

O visconde partido ao meio 19

O barão nas árvores 95

O cavaleiro inexistente 315

1

Havia uma guerra contra os turcos. O visconde Medardo di Terralba, meu tio, cavalgava pelas planícies da Boêmia rumo ao acampamento dos cristãos. Acompanhava-o um escudeiro chamado Curzio.

As cegonhas voavam baixo, em bandos brancos, atravessando o ar opaco e parado.

— Por que tantas cegonhas? — perguntou Medardo a Curzio —, para onde estão voando?

Meu tio acabava de chegar, se alistara havia pouco, para agradar a alguns duques, nossos vizinhos, empenhados naquela guerra. Munira-se de um cavalo e de um escudeiro no último castelo em mãos cristãs, e ia apresentar-se ao quartel imperial.

— Estão voando para os campos de batalha — disse o escudeiro, sombrio. — Vão nos acompanhar por todo o caminho.

O visconde Medardo ficara sabendo que naquelas terras o voo das cegonhas é sinal de boa sorte; e queria mostrar-se alegre por vê-las. Mas, a contragosto, sentia-se inquieto.

— O que pode atrair as pernaltas aos campos de batalha, Curzio? — perguntou.

— Agora, também elas comem carne humana — respondeu o escudeiro —, desde que a carestia tornou os campos áridos e a estiagem secou os rios. Onde há cadáveres, as cegonhas, os flamingos e os groux substituíram os corvos e os abutres.

Meu tio se achava então na primeira juventude: a idade em que os sentimentos se misturam todos num ímpeto confuso, ainda não separados em bem e mal; a idade em que cada experiência nova, também macabra e desumana, é toda trepidante e efervescente de amor pela vida.

— E os corvos? E os abutres? — perguntou. — E as aves de rapina? Onde foram parar? — Estava pálido, mas seus olhos cintilavam.

O escudeiro era um soldado de pele escura, bigodudo, que nunca erguia os olhos.

— À força de comer as vítimas da peste, a peste os atacou também. — E apontou com a lança certas moitas escuras que a um olhar mais atento se revelavam não de plantas, mas de penas e pés ressecados de aves de rapina.

— Assim, nem dá para saber quem morreu antes, se a ave ou o homem, e quem se lançou sobre o outro para esganá-lo — disse Curzio.

Para fugir da peste que exterminava as populações, famílias inteiras tinham se encaminhado para os campos, e a agonia havia golpeado a todos ali. Em montes de carcaças, espalhadas pela planície árida, viam-se corpos de homens e mulheres, nus, desfigurados pelas marcas da peste e, coisa a princípio inexplicável, penugentos: como se daqueles braços macilentos e costelas tivessem crescido penas pretas e asas. Eram as carcaças de abutres misturadas com as sobras deles.

O terreno já ia mostrando sinais de batalhas. A marcha se tornara mais lenta porque os dois cavalos topavam nos restos e lombadas.

— O que está acontecendo com nossos cavalos? — perguntou Medardo ao escudeiro.

— Senhor — respondeu ele —, nada desagrada tanto aos cavalos quanto o fedor das próprias tripas.

A faixa de planície que atravessavam achava-se de fato cheia de carcaças equinas, algumas para cima, com os cascos voltados para o céu, outras de bruços, com o focinho enfiado na terra.

— Por que tantos cavalos caídos neste ponto, Curzio? — perguntou Medardo.

— Quando o cavalo sente que está sendo atingido na barriga — explicou Curzio —, trata de segurar as vísceras. Alguns apoiam a pança no chão, outros se viram de costas para que elas não caiam. Mas a morte não tarda a ceifá-los do mesmo jeito.

— Quer dizer que são sobretudo os cavalos que morrem nesta guerra?

— As cimitarras turcas parecem feitas de propósito para rasgar-lhes o ventre com um só golpe. Mais adiante verá os corpos dos homens. Primeiro caem os cavalos e depois os cavaleiros. Pronto, lá está o campo.

Nos limites do horizonte elevavam-se os pináculos das tendas mais altas, os estandartes do exército imperial e a fumaça.

Continuando a galopar, viram que os caídos da última batalha tinham sido quase todos removidos e enterrados. Só se viam alguns membros dispersos, especialmente dedos, apoiados nos restolhos.

— De vez em quando há um dedo indicando o caminho — disse meu tio Medardo. — Que significa?

— Deus os perdoe: os vivos cortam os dedos dos mortos para arrancar-lhes os anéis.

— Quem vem lá? — disse uma sentinela com capote coberto de mofo e musgo como a casca de uma árvore exposta à tramontana.

— Viva a sagrada coroa imperial! — gritou Curzio.

— E que morra o sultão! — replicou a sentinela. — Mas, por favor, quando chegarem ao comando, digam-lhes para mudar logo o turno, pois começo a deitar raízes!

Agora os cavalos corriam para escapar da nuvem de moscas que circundava o campo, zumbindo pelas montanhas de excrementos.

— De muitos valentes — observou Curzio — o esterco de ontem ainda está no chão, e eles já chegaram ao céu. — E benzeu-se.

Na entrada do acampamento, costearam uma fila de baldaquins, sob os quais mulheres de cabelos encaracolados e corpulentas, com longos vestidos de brocado e os seios nus, acolheram-nos com gritos e risadas.

— São os pavilhões das cortesãs — disse Curzio. — Nenhum exército possui outras tão lindas.

Meu tio já cavalgava com o rosto virado para trás, observando-as.

— Cuidado, senhor — acrescentou o escudeiro —, andam tão sujas e empestadas que nem os turcos as aceitariam como presas de um saque. Além de carregadas de chatos, percevejos e carrapatos, agora até os escorpiões e os lagartos fazem ninhos sobre elas.

Passaram diante das baterias do campo. À noite, os artilheiros cozinhavam o rancho de água e nabos no bronze das espingardas e dos canhões, abrasado dos intensos disparos da jornada.

Chegavam carroças cheias de terra e os artilheiros a pe-neiravam.

— A pólvora está ficando escassa — explicou Curzio —, mas a terra onde as batalhas aconteceram está tão impregnada que, insistindo-se, dá para recuperar algumas cargas.

Depois vinham as instalações da cavalaria, onde, entre as moscas, os veterinários trabalhavam sem parar remendendo a pele dos quadrúpedes com costuras, faixas e emplastos de alcatrão fervente, todos relinchando e escoiceando, inclusive os doutores.

As tendas da infantaria seguiam-se por um grande trecho. O sol se punha e diante de cada tenda os soldados estavam sentados com os pés imersos em tinas de água morna. Sendo comuns os alarmes repentinos de dia e de noite, mesmo na hora do pedilúvio continuavam a segurar o capacete e a lança. Em tendas mais altas e montadas em forma de quiosque, os oficiais punham talco nas axilas e se refrescavam com leques de rendas.

— Não fazem isso por frescura — disse Curzio —, ao contrário: querem mostrar que se acham completamente à vontade em meio à dureza da vida militar.

O visconde de Terralba foi logo conduzido à presença do imperador. Em seu pavilhão cheio de tapeçarias e troféus, o soberano estudava nos mapas os planos de futuras batalhas. As mesas estavam cobertas de mapas abertos, e o imperador espetava neles alfinetes, retirando-os de uma almofada própria

que um dos marechais lhe estendia. Os mapas já estavam tão carregados de alfinetes que não se entendia mais nada, e para ler alguma coisa precisavam tirar os alfinetes e voltar a recolocá-los. Nesse tira e põe, para ficar com as mãos livres, tanto o imperador quanto os marechais mantinham os alfinetes entre os lábios e só podiam falar por meio de ganidos.

Ao ver o jovem que se inclinava diante dele, o soberano emitiu um ganido interrogativo e tirou depressa os alfinetes da boca.

— Um cavaleiro recém-chegado da Itália, majestade — apresentaram-no —, o visconde de Terralba, de uma das mais nobres famílias da região de Gênova.

— Que seja logo nomeado tenente.

Meu tio bateu as esporas, ficando em sentido, enquanto o imperador fazia um amplo gesto real e todos os mapas se enrolavam sobre si mesmos e caíam.

Naquela noite, embora cansado, Medardo tardou a dormir. Andava para a frente e para trás perto da tenda, e ouvia os apelos das sentinelas, os cavalos relinchando e a fala entrecortada de soldados durante o sono. Observava no céu as estrelas da Boêmia, pensava na nova patente, na batalha do dia seguinte e na pátria distante, na música dos caniços dentro d'água. No coração não guardava nem nostalgia, nem dúvidas, nem apreensão. Para ele as coisas ainda eram inteiras e indiscutíveis, e assim era ele próprio. Se tivesse podido prever a terrível sorte que o aguardava, talvez também a tivesse considerado natural e acabada, mesmo em toda a sua dor. Estendia o olhar até o limite do horizonte noturno, onde sabia que se localizava o campo dos inimigos, e com os braços cruzados apertava as costas com as mãos, contente por ter certeza ao mesmo tempo de realidades longínquas e diferentes, e da própria presença no meio delas. Sentia o sangue daquela guerra cruel, disseminado por mil córregos sobre a terra, chegar até ele; e se deixava tocar, sem experimentar raiva nem piedade.

A batalha começou pontualmente às dez da manhã. Do alto da sela, o lugar-tenente Medardo contemplava a dimensão das forças cristãs, prontas para o ataque, e erguia o rosto seguindo o vento da Boêmia, que levantava um cheiro de muitas cascas, lembrando uma eira poeirenta.

— Não, não vire para trás, senhor — exclamou Curzio, que, tendo recebido a patente de sargento, estava a seu lado. E, para justificar a frase peremptória, acrescentou, de mansinho: — Dizem que dá azar, antes do combate.

Na verdade, não queria que o visconde desanimasse ao se dar conta de que o exército cristão praticamente consistia naquela fileira alinhada e que as forças de apoio não passavam de alguns esquadrões de cavalaria que mal se aguentavam em pé.

Mas meu tio olhava bem longe, para a nuvem que se aproximava no horizonte, e pensava: “Pronto, aquela nuvem são os turcos, os verdadeiros turcos, e estes ao meu lado, cuspidos tabaco, são os veteranos da cristandade, e este ribombar que agora ressoa é o ataque, o primeiro ataque de minha vida, e este estrondo e o tremor, o bólido que se enfia na terra observado com enorme tédio pelos veteranos e pelos cavalos é uma bala de canhão, a primeira bala inimiga que encontro. Espero que não chegue o dia em que deverei dizer: ‘É esta é a última’”.

De espada em punho, saiu a galopar planície afora, de olho no estandarte imperial, que aparecia e desaparecia no meio da fumaça, enquanto os canhonaços amigos rolavam pelo céu acima de sua cabeça, e os inimigos já abriam brechas no lado cristão, provocando imprevisitas nuvens de terra. Pensava: “Hei de ver os turcos! Hei de ver os turcos!”. Nada atrai mais os homens do que ter inimigos e depois verificar se são exatamente como os imaginavam.

E os viu, os turcos. Vinham dois justamente daquele lado. Com os cavalos encapotados, o pequeno escudo redondo, as roupas listradas de negro e açafraão. E o turbante, a cara cor de ocre e os bigodes iguais aos de um tipo que, em Terralba, era cha-

mado de Elmir, o Turco. Um deles morreu e o outro matou um terceiro. Mas estavam se aproximando sabem-se lá quantos e se combatia com arma branca. Ver dois turcos era como ver todos. Também eles eram militares, e todas aquelas coisas eram equipamentos do exército. As caras eram morenas e duras como as dos camponeses. Medardo, para o que lhe interessava, já os tinha visto; podia voltar para casa em Terralba a tempo para a migração das codornas. Porém, havia se alistado para a guerra. Por isso corria, desviando os golpes das cimitarras, até que encontrou um turco baixo, a pé, e o matou. Vendo como se fazia, foi procurar um alto, a cavalo, e se deu mal. Porque eram os pequenos os mais perigosos. Andavam até debaixo dos cavalos, com aquelas cimitarras, e os esquartejavam.

O cavalo de Medardo parou com as pernas abertas.

— O que está fazendo? — disse o visconde.

Curzio acercou-se apontando para baixo:

— Veja ali.

Já estava com as vísceras todas para fora. O pobre animal olhou para cima, para o patrão, depois baixou a cabeça como se quisesse roer os intestinos, mas era só um impulso de heroísmo: desmaiou e depois morreu. Medardo di Terralba estava condoído.

— Pegue o meu cavalo, tenente — disse Curzio, mas não conseguiu detê-lo porque caiu da sela, ferido por uma flecha turca, e o cavalo saiu a galope.

— Curzio! — gritou o visconde, e se achegou ao escudeiro que gemia no chão.

— Não pense em mim, senhor — falou o escudeiro. — Só espero que no hospital ainda haja aguardente. Cada ferido tem direito a uma boa dose.

Meu tio Medardo lançou-se na peleja. Os rumos da batalha eram incertos. Naquela confusão, parecia que os cristãos é que venceriam. Com certeza, tinham rompido as fileiras turcas e cercado determinadas posições. Meu tio, com outros valentes, lançara-se até o alcance das baterias inimigas, e os turcos deslocavam-nas para manter os cristãos debaixo de fogo. Dois

artilheiros turcos faziam circular um canhão com rodas. Lentos como eram, barbudos, encapotados até os pés, pareciam dois astrônomos. Meu tio disse:

— Agora chego lá e tomo conta deles.

Entusiasta e inexperiente, não sabia que só podemos nos aproximar de canhões lateralmente ou do lado da culatra. Saltou na frente da boca de fogo, de espada em punho, e imaginava assustar os dois astrônomos. Ao contrário, mandaram-lhe um canhão em pleno peito. Medardo di Terralba saltou pelos ares.

À noite, período de trégua, duas carroças iam recolhendo os corpos dos cristãos pelo campo de batalha. Uma era para os feridos e a outra, para os mortos. A primeira seleção era feita ali mesmo. “Eu pego este, você pega aquele.” Aquele em que ainda parecia existir algo para salvar, era jogado na carroça dos feridos; aquele de que só havia pedaços e farrapos, na carroça dos mortos, para ter sepultura abençoada; aquele que já não era nem mesmo um cadáver, ficava como carniça para as cegonhas. Naqueles dias, diante das perdas crescentes, fora determinado que era melhor carregar mais feridos. Assim, os restos de Medardo foram considerados um ferido e postos na carroça apropriada.

A segunda seleção era feita no hospital. Depois das batalhas, o hospital militar proporcionava uma visão ainda mais atroz do que as próprias batalhas. No chão ficava aquela longa fila de macas com seus desgraçados em cima e ao redor agitavam-se os doutores, fazendo malabarismos com pinças, serras, agulhas, dedos amputados e rolos de linhas para pontos. De morto em morto, faziam de tudo para que cada cadáver tornasse a viver. Serra aqui, costura ali, tapa buraco, reviravam veias como se fossem luvas e as recolocavam em seus lugares, com mais enchimento de barbante do que sangue, porém remendadas e fechadas. Quando um paciente morria, tudo o que estivesse em boas condições servia para recuperar os membros de outro, e assim

por diante. A coisa que mais atrapalhava eram os intestinos: uma vez desenrolados, não havia meio de recolocá-los.

Erguido o lençol, o corpo do visconde mostrou-se terrivelmente mutilado. Faltava-lhe um braço e uma perna, e não só, tudo o que havia de tórax e abdômen entre aquele braço e aquela perna fora arrancado, pulverizado pelo canhão recebido em cheio. Da cabeça sobravam um olho, uma orelha, uma bochecha, meio nariz, meia boca, meio queixo e meia testa: da outra metade só restava um mingau. Em suma, salvara-se apenas metade, a parte direita, que aliás se conservara perfeitamente, sem nem sequer um arranhão, excluindo aquela enorme rasgadura que a separara da parte esquerda estraçalhada.

Os médicos: todos contentes. “Uh, que maravilha de caso!” Se não morresse logo, até podiam tentar salvá-lo. E todos o rodearam, enquanto os pobres soldados com uma flecha no braço morriam de septicemia. Costuraram, adaptaram, amassaram: sabe-se lá o que fizeram. O resultado foi que no dia seguinte meu tio abriu o único olho, a meia-boca, dilatou a narina e respirou. A dura fibra dos Terralba resistira. Agora estava vivo e partido ao meio.

3

Quando meu tio regressou a Terralba, eu tinha sete ou oito anos. Era tarde, já escuro; outubro; o céu estava nublado. Durante o dia tínhamos trabalhado na vindima e através das videiras enfileiradas víamos aproximarem-se no mar cinzento as velas de um navio que trazia bandeira imperial. A cada navio que se avistava então, dizia-se: “Este é mestre Medardo que volta”, não porque estivéssemos impacientes de que regressasse, mas para ter alguma coisa que esperar. Daquela vez adivinhámos: tivemos a confirmação à noite, quando um jovem chamado Fiorfiero, amassando a uva no alto da tina, gritou: “Oh, lá embaixo”; estava quase escuro e vimos, no fundo do vale, uma fileira de tochas acender-se pelo caminho das mulas;

e depois, quando passou pela ponte, distinguimos uma liteira transportada nos ombros. Não havia dúvidas: era o visconde que voltava da guerra.

A novidade se espalhou pelos vales; no pátio do castelo reuniram-se todos: familiares, criadagem, vindimadores, pastores, homens de armas. Só faltava o pai de Medardo, o velho visconde Aiolfo, vovô, que havia um bom tempo não descia nem mesmo até o pátio. Cansado das lides do mundo, renunciara às prerrogativas do título em favor do único filho homem, antes que este partisse para a guerra. Agora a sua paixão pelas aves, que criava no interior do castelo, num grande viveiro, acabara por se tornar mais exclusiva: o velho carregara a própria cama para o viveiro e se trancara lá dentro, não saindo nem de dia nem de noite. Entregavam-lhe as refeições junto com a comida das aves através das grades do viveiro, e Aiolfo dividia tudo com aquelas criaturas. E passava as horas acariciando o dorso dos faisões, das rolinhas, à espera do filho que voltaria da guerra.

No pátio de nosso castelo, eu nunca tinha visto tanta gente: já passara o tempo, do qual só ouvira falar, das festas e das guerras entre vizinhos. E pela primeira vez me dei conta de como as paredes e as torres estavam arruinadas, e o pátio, onde costumavam dar capim para as cabras e encher o cocho para os porcos, enlameado. Todos, esperando, discutiam como o visconde Medardo voltaria; havia tempos chegara a notícia dos ferimentos graves que ele recebera dos turcos, mas ninguém sabia ainda claramente se estava mutilado, doente ou apenas marcado pelas cicatrizes: e agora a visão da liteira nos preparava para o pior.

E eis que a liteira foi posta no chão, e no meio da sombra escura deu para ver o brilho de uma pupila. A velha ama Sebastiana tentou aproximar-se, mas da sombra elevou-se um vigoroso gesto de rechaço em mão espalmada. Depois se viu o corpo na liteira agitar-se num esforço quebrado e convulso, e diante de nossos olhos Medardo di Terralba saltou de pé, apoiando-se numa muleta. Um manto negro com capuz descia-lhe da cabeça até o chão; do lado direito estava enviesado para trás, descobrindo metade do rosto e do corpo apoiado na muleta, enquanto

à esquerda parecia estar tudo oculto e envolto nas abas e nas dobras daquela ampla vestimenta.

Ficou nos observando, nós todos em volta dele, sem que ninguém dissesse uma palavra; mas quem sabe se com aquele olho fixo não nos olhava de jeito nenhum, só queria afastar-nos dele.

Um sopro de vento veio do mar e um ramo quebrado no alto de uma figueira soltou um gemido. O manto de meu tio ondulou e o vento o inflou, estendendo-o como uma vela, e poderíamos dizer que lhe atravessava o corpo, ou melhor, que tal corpo nem existia, e o manto estava vazio como o de um fantasma. Depois, olhando melhor, vimos que adería como a um mastro de bandeira e o mastro era o ombro, o braço, o flanco, a perna, tudo o que dele se apoiava na muleta: e o resto não existia.

As cabras observavam o visconde com seu olhar fixo e inexpressivo, cada uma em posição diferente mas todas juntas, com os dorsos arrumados num estranho desenho de ângulos retos. Os porcos, mais sensíveis e ágeis, grunhiram e saíram correndo dando-se barrigadas, e então nem nós pudemos mais esconder nosso espanto.

— Meu filho! — gritou a ama Sebastiana, e levantou os braços. — Infeliz!

Meu tio, contrariado por ter provocado tamanha impressão em nós, avançou a ponta da muleta no chão e com um movimento comedido dirigiu-se para a entrada do castelo. Mas nos degraus do portão estavam sentados de pernas cruzadas os carregadores da liteira, grandalhões seminus, com brincos de ouro e cabeça raspada em que sobressaíam topetes ou rabos de cavalo. Levantaram-se, e um de trança, que parecia o chefe, disse:

— Esperamos o pagamento, *señor*.

— Quanto? — perguntou Medardo, e poderíamos dizer que sorria.

O homem de trança disse:

— Sabe qual é o preço para o transporte de um homem em liteira...

Meu tio tirou uma bolsa do cinturão e jogou-a tilintante

aos pés do carregador. Este sentiu-lhe o peso rapidamente e exclamou:

— Mas isso é muito menos que o combinado, *señor!*

Medardo, enquanto o vento lhe erguia a ponta do manto, disse:

— A metade.

Ultrapassou o portão e dando pulinhos com seu único pé subiu os degraus, entrou pela grande porta escancarada que dava para o interior do castelo, batendo com a muleta empurrou os dois pesados batentes, que se fecharam com estrondo, e por fim, como a portinhola ficara aberta, fechou-a, desaparecendo de nossos olhares.

Continuamos a ouvir as batidas alternadas lá dentro, do pé e da muleta, que no corredor se dirigiam para a ala do castelo em que ficavam seus aposentos privados, e também de lá ouvimos um bater e trancar portas.

Parado atrás da grade do viveiro, seu pai o esperava. Medardo nem tinha passado para cumprimentá-lo: fechara-se sozinho em seus aposentos e não queria apresentar-se ou responder nem à ama Sebastiana, que ficou um bom tempo batendo à porta e compadecendo-se dele.

A velha Sebastiana era uma mulherona toda de negro, incluindo o véu, com o rosto rosado sem nenhuma ruga, exceto aquela que por pouco não lhe ocultava os olhos; dera leite a todos os jovens da família Terralba e fora para a cama com todos os mais velhos e fechara os olhos de todos os mortos. Agora ia e vinha pelas celas dos dois presos, e não sabia como ajudá-los.

No dia seguinte, visto que Medardo continuava a não dar sinal de vida, retomamos a vindima, mas faltava alegria, e nas vinhas só se falava do seu destino, não porque gostássemos tanto dele, mas por ser um tema atraente e obscuro. Só a ama Sebastiana ficou no castelo, prestando atenção em cada rumor.

Mas o velho Aiolfo, como se previsse que o filho voltaria tão triste e arredio, havia tempos adestrara um de seus animais preferidos, uma pega, para voar até a ala do castelo em que ficavam os aposentos de Medardo, então vazios, e para entrar

pela janelinha de seu quarto. Naquela manhã, o velho abriu a portinhola para a ave, seguiu seu voo até a janela do filho, em seguida voltou a distribuir alimento para as pegas e toutinegras, imitando suas vozes.

Pouco depois, ouviu o baque de um objeto jogado contra as cortinas. Debruçou-se do lado de fora e no beiral jazia sua ave predileta. O velho recolheu-a com as mãos unidas e viu que uma asa se rompera como se tivessem tentado arrancá-la, uma pata estava partida como se tivesse sido garroteada por dois dedos e um olho tinha sido arrancado. O velho apertou o pássaro contra o peito e começou a chorar.

Foi para a cama no mesmo dia, e os empregados do lado de lá da grade do viveiro viram que estava muito mal. Mas ninguém pôde tratar dele, pois se encerrara ali e escondera as chaves. Ao redor de seu leito as aves voavam. Desde que se deitara, tinham começado a esvoaçar e não queriam pousar nem parar de bater as asas.

Na manhã seguinte, a ama, encostando o rosto no viveiro, viu que o visconde Aiolfo estava morto. As aves estavam todas pousadas sobre a cama, como num tronco flutuando no meio do mar.

4

Depois da morte do pai, Medardo começou a sair do castelo. Uma vez mais foi a ama Sebastiana quem primeiro se deu conta, certa manhã, vendo as portas escancaradas e os aposentos desertos. Um grupo de servos foi deslocado para o campo para seguir a pista do visconde. Os servos corriam e passaram sob uma pereira que tinham visto, na noite anterior, carregada de frutos temporãos ainda ácidos.

— Olhem lá em cima — disse um deles.

Viram as peras que pendiam contra o céu da manhã e ao vê-las ficaram horrorizados. Porque não estavam inteiras, eram várias metades de pera cortadas ao comprido e cada uma

presa ao próprio talo: todavia, de cada pera só restava a metade direita (ou esquerda, conforme de onde se olhasse, mas estavam todas do mesmo lado) e a outra metade desaparecera, cortada ou talvez mordida.

— O visconde passou por aqui! — gritaram os servos. Certamente, depois de ficar trancado em jejum tantos dias, naquela noite sentira fome e subira na primeira árvore para comer peras.

Caminhando, os servos encontraram numa pedra meia rã que pulava, graças à resistência das rãs, ainda viva.

— Estamos no bom caminho! — E prosseguiram.

Perderam-se, pois não avistaram entre as folhas meio melão e tiveram de voltar atrás até encontrá-lo.

Assim, dos campos passaram para o bosque e viram um cogumelo cortado ao meio, um *porcino*, depois um outro, um boleto vermelho venenoso, e andando pelo mato continuaram encontrando, de vez em quando, aqueles cogumelos que despontavam da terra com meio talo e abriam só meia cobertura. Pareciam cortados com talho preciso, e da outra metade não se encontrava nem um único esporo. Eram cogumelos de todo tipo, esclerodermas, amanitas, agáricos; e os venenosos apareciam em número quase igual ao dos comestíveis.

Seguindo essas pistas dispersas, os servos chegaram ao Prado conhecido como Prado das Freiras, onde havia um charco no meio do capinzal. Luzes da aurora, e à beira d'água a figura exígua de Medardo, envolta no manto negro, espelhava-se na água, onde boiavam cogumelos brancos ou amarelos que ele arrancara e agora estavam espalhados naquela superfície transparente. Na água, os cogumelos pareciam inteiros, e o visconde os observava: e também os servos se esconderam na outra margem e não ousaram dizer nada, fixando igualmente os cogumelos flutuantes, até que se deram conta de que eram todos bons para comer. E os venenosos? Se não os tinha jogado no charco, o que fizera com eles? Os servos correram de novo para o bosque. Nem precisaram ir longe, pois no caminho encontraram um menino com um cesto; dentro deste estavam todas aquelas metades de cogumelos venenosos.

Aquele menino era eu. Brincava sozinho no escuro ao redor do Prado das Freiras, dando sustos em mim mesmo ao sair de repente de trás das árvores, quando encontrei meu tio, que saltava sobre seu pé pelo prado ao luar, com um cesto pendurado no braço.

— Oi, tio! — gritei: era a primeira vez que conseguia cumprimentá-lo.

Pareceu muito contente de me ver.

— Estou procurando cogumelos — me explicou.

— Conseguiu alguma coisa?

— Olhe — disse meu tio, e nos sentamos à beira do charco. Ele escolhia os cogumelos e jogava alguns na água, deixando outros no cesto.

— Pegue — disse, me entregando o cesto com os cogumelos escolhidos por ele. — Pode fritar.

Gostaria de ter lhe perguntado por que no cesto só havia a metade de cada cogumelo; mas percebi que a pergunta teria sido pouco respeitosa, e corri depois de agradecer. Ia fritá-los quando encontrei o pessoal da criadagem e fiquei sabendo que eram todos venenosos.

A ama Sebastiana, quando lhe contaram a história, disse:

— Só voltou a metade malvada de Medardo. Quem sabe o que acontecerá durante o processo.

Estava marcado para aquele dia um processo contra uma quadrilha presa no dia anterior pelos guardas do castelo. Os bandidos eram gente dali mesmo e por isso o visconde é que tinha de julgá-los. Começou o julgamento e Medardo estava todo torto na cadeira e roía as unhas. Chegaram os bandidos amarrados: o chefe da quadrilha era o jovem Fiorfiero, que fora o primeiro a avistar a liteira enquanto amassava a uva. Entrou a parte lesada e eram cavaleiros toscanos que, a caminho da Provença, passavam por nossos bosques quando Fiorfiero e sua quadrilha caíram em cima deles e os roubaram. Fiorfiero se defendeu dizendo que andavam caçando em nossas terras, e ele os detivera e desarmara justamente por pensar que fossem caçadores, dado que os guardas não

os vigiavam. É preciso dizer que naquele tempo os ataques de bandidos eram uma atividade muito comum, razão pela qual a lei era clemente. E ademais, nossas terras eram particularmente favoráveis à bandidagem, e assim, inclusive alguns membros de nossa família, em especial nos tempos agitados, se uniam às quadrilhas. Da caça ilegal nem falo, era o delito mais leve que se podia imaginar.

Mas as apreensões de Sebastiana tinham fundamento. Medardo condenou Fiorfiero e toda a sua quadrilha a morrerem na forca, culpados de rapina. Mas, como as vítimas eram por sua vez caçadores ilegais, condenou-as igualmente à forca. E para punir os guardas, que intervieram tarde demais e que não souberam prevenir os crimes dos caçadores nem os dos bandidos, decretou que eles também fossem enforcados.

Eram umas vinte pessoas no total. Essa cruel sentença provocou consternação e dor em todos nós, não tanto pelos fidalgos toscanos, que ninguém conhecia, mas pelos bandidos e pelos guardas, que eram gente querida. Mestre Pedroprego, albardeiro e carpinteiro, foi encarregado de construir a forca: era um trabalhador sério e inteligente, que se empenhava com firmeza em toda obra. Com grande dor, porque dois dos condenados eram parentes dele, construiu uma forca ramificada feito uma árvore, cujas cordas subiam juntas acionadas por um único guindaste; era uma engrenagem tão grande e engenhosa que dava para enforcar de uma só vez mais gente que o grupo condenado, tanto que o visconde aproveitou para enforcar dez gatos alternando com dois réus. Os cadáveres mirrados e as carcaças de gato balançaram durante três dias e no início ninguém aguentava olhar para eles. Mas logo nos demos conta da visão imponente que ofereciam, e até o nosso julgamento se dividia em sentimentos díspares, a ponto de causar desagrado a decisão de retirá-los e desmontar a grande máquina.